

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

"HISTORIOGRAFIA E APOCALÍPTICA: PARALELOS ENTRE

AS

VISÕES DA HISTÓRIA EM 2BARUCH E JOSEFO"

**UFRGS - IX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ANTIGA / III SIMPÓSIO INTERNACIONAL
DE HISTÓRIA ANTIGA DO CONE SUL, 2-6 DE SETEMBRO 2002**

"UM OLHAR DISTANTE"

Amanda Presotti Corrêa

História / 8º período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Trata do sentido da história no Apocalipse Siríaco de Baruch e na obra de Flávio Josefo, traçando paralelos explicativos e semelhanças de pensamento entre as obras. A comparação entre um texto representante da literatura apocalíptica e um texto de cunho historiográfico resulta numa interessante confluência de resultados acerca da visão de história no judaísmo da Antigüidade.



Historiografia e apocalíptica: paralelos entre as visões da história em 2Baruch e Josefo

2Baruch, também conhecido como *Apocalipse siríaco de Baruch*, é definitivamente um dos trabalhos mais interessantes na produção apocalíptica do judaísmo antigo. O texto foi escrito, muito provavelmente, entre a queda do Segundo Templo (70 d.C.) e a Segunda Revolta Judaica sob os romanos (132 d.C.), chegando até nós numa versão em siríaco traduzida do grego, que, por sua vez, deve ter sido traduzida do hebraico. Devido a diversas indicações ao longo do texto, 2Br é provavelmente de origem palestinese, apresentando diversas tradições da cultura judaica palestina da época e várias ligações com o judaísmo dos rabinos que viria a ser definido após a queda do Segundo Templo. Portanto, é um texto de inegável importância para o estudo e compreensão do judaísmo pós-70.

Um dos aspectos relevantes para o estudo tanto da literatura apocalíptica quanto do judaísmo do século II é o conceito de história presente em 2Br. Lembremos que 2Br é um apocalipse histórico, i.e. oferece uma revisão da história em sua estrutura. Essa revisão é apresentada em 56-74, e segue-se à conhecida visão das águas de 2Br. Nessa visão, uma grande nuvem despeja doze torrentes de chuva, de águas alternadamente brancas e negras. Após a última chuva, negra, um raio irrompe. A interpretação da visão remete à história do povo judeu: as doze chuvas representam doze períodos históricos, sendo a primeira o pecado de Adão (56:5-6), a segunda Abraão (57:1), e assim sucessivamente. Após a restauração do Exílio, a humanidade enfrentará o período mais tenebroso de todos, o que antecede o reino



terreno do Messias (70). Esse período tão terrível corresponde, cronologicamente, à época do autor do texto.

A revisão da história que Baruch nos oferece é longa e detalhada, abrangendo o passado longínquo da tradição judaica e também o futuro do mundo. Esse tipo de estrutura, porém, não é exclusivo: vários outros apocalipses a apresentam, entre eles Daniel e 4Esdras. Essa revisão elaborada da história é um dos elementos característicos da literatura apocalíptica, como nos demonstra Collins: "Alguns [apocalipses], como Daniel, contêm uma elaborada revisão da história, apresentada sob a forma de profecia e culminando em um tempo de crise e convulsão escatológica"¹. Como em outros apocalipses, a revisão histórica de 2Br nos informa que o tempo do mundo e o curso dos eventos estão premeditados desde o começo. Deus é o senhor da história, e Seu plano para o mundo está cronometrado em um número certo de períodos (em Baruch, doze). O tempo também está se esgotando: a maior parte dos períodos já passou, e os sinais do fim já podem ser avistados. É nesse contexto em que os autores dos apocalipses exortam o povo à redenção: o fim está próximo, e se avizinha a hora em que Deus aplicará Sua justiça.

No entanto, nem mesmo as estruturas e características comuns aos apocalipses são idênticas em todos os textos. Cada apocalipse nos apresenta uma série de particularidades, e 2Br não é diferente. Para o autor do texto, a justiça divina separará ímpios de pecadores, mas o princípio dessa divisão é uma reafirmação de um tema familiar ao longo do texto: a obediência à Lei, que todos conhecem. A Lei constitui a salvação do indivíduo, como podemos atestar pela passagem "Se, portanto, vocês

¹ John J. Collins. *The Apocalyptic Imagination*. New York: The Crossroad Publishing Company, 1987. P.5.



trilharem seus caminhos em retidão, vocês não serão levados como seus irmãos o foram, mas eles virão até vocês”². A história constitui, dessa forma, o tempo no qual o indivíduo deve escolher que caminho seguir: o da Lei ou o do pecado, e dessa escolha depende a salvação.

É interessante notar que, para Baruch, é justamente o desvio da Lei que origina todos os males sofridos por Israel, mesmo em seu passado remoto: “Ou vocês acham que o lugar pecou e que por isso foi destruído, ou que o campo cometeu algum crime e que por isso foi entregue? E vocês não sabem que por causa daqueles que pecaram os que não pecaram foram entregues, e por causa daqueles que se comportaram impiamente, aqueles que não se desencaminharam foram entregues aos inimigos?”³. A causa das desgraças (representadas em Baruch pelos períodos de chuvas negras) é devida totalmente à desobediência e impiedade do povo. A idéia de história que Baruch nos apresenta é a de uma história pré-definida e limitada, onde cabe ao indivíduo escolher que papel representará nesse mundo: o de agente causador das desgraças, sendo ímpio, ou o de virtuoso, ao obedecer à Lei.

Ao revelar aos leitores o sentido da história, Baruch oferece tranquilidade àqueles tementes a Deus, pois enfatiza a escolha individual e o respeito à Lei, garantindo aos virtuosos uma recompensa no final dos tempos. Tanto a divisão da história em períodos quanto as causas para os males representam uma afirmação de que o mundo não é um local caótico e sem sentido: tudo obedece à uma ordem maior. O sentido da história em Baruch também põe em perspectiva os sofrimentos do presente. Como Murphy afirma, “Olhar para a história corretamente revela a

² 2Br 77:6.

³ 2Br 77:9-10.



justiça de Deus e portanto é um consolo para os que obedecem à Lei"⁴. Levando em consideração os obstáculos que o judaísmo da época - e seus fiéis - enfrentavam, o sentido de história que Baruch apresenta tem também como objetivo apaziguar os ânimos, oferecendo respostas para as dúvidas, reafirmando a justiça de Deus e mostrando o caminho para a fé sem o Templo: a obediência à Lei.

Outras figuras da época, ao lado do autor do 2Br, procuraram explicar a causa da queda do Segundo Templo. Um deles foi Flávio Josefo, historiador judeu helenizado com grande participação na guerra de 66, que assistiu à queda de Jerusalém. Josefo, em sua obra *A guerra dos judeus* - onde trata exaustivamente de tudo o que se relacionara com a guerra -, muitas vezes retorna à causa da derrota do povo escolhido e de tamanha desgraça, acabando por concluir algo muito próximo aos motivos apresentados em 2Br: Jerusalém - e o Templo - caem em função da impiedade dos próprios judeus, que chamaram sobre si o castigo divino. Roma figura como instrumento da punição divina, isenta de culpa e destinada a vencer; pois o destino na história é algo muito presente na obra de Josefo, especialmente nos momentos cruciais, o que mais uma vez prova que a história como algo pré-determinado não era uma idéia estranha ao judaísmo do século II.

A causa primeira de tamanha desgraça é, também, algo muito próximo da explicação apresentada por 2Br: os judeus derramam sangue no Templo, local sagrado por excelência. É de se notar que Josefo levanta, indiretamente, a questão da obediência à Lei: ao desobedecerem aos princípios rituais relacionados ao Templo, e ao infringirem as leis deuteronomicas de pureza, os judeus se desligam do favor

⁴ Frederick J. Murphy. *The Structure and Meaning of Second Baruch*. Atlanta: Scholars Press, 1984. P. 24.



divino. Mais uma vez, os males são enviados por culpa dos próprios homens; e os virtuosos sofrem por causa daqueles que foram ímpios e desobedeceram à Lei.

A semelhança de idéias entre esses dois autores da Antigüidade não pode ser negada, embora seja difícil afirmar que um conheceu a obra do outro e que os textos são marcadamente dependentes. O mais provável é que ambos tenham se utilizado de tradições, crenças e idéias comuns ao ambiente cultural da época, e que tenham bebido de fontes similares. Uma razão para isso reside na própria orientação político-teológica dos autores. O autor - ou autores - de 2Br exalta muitas das idéias e posturas levadas a cabo pelo judaísmo rabínico que se seguiu à queda do Templo. Algumas dessas idéias seriam: a reestruturação do judaísmo ao redor da Lei, uma marcante preocupação com a comunidade, a dissociação de seus interesses e uma possível reconstrução do Templo e um "pacifismo" exacerbado, i.e., o não-estímulo a qualquer tentativa de retaliação militar contra os romanos após a queda do Templo, visto as grandes perdas da guerra de 66 (podemos aqui abrir uma exceção para o *rabbi* Akiba, que parece ter apoiado ativamente a revolta de 132, embora tenha sido desestimulado por seus congêneres rabinos⁵). Josefo, por sua vez, governou sua vida pública de acordo com as normas farisaicas - *politeuesthai* - e mostrou-se, ao longo da *Guerra dos judeus*, contrário às ações militares judaicas do fim da guerra. Se isso foi devido somente à sua posterior dependência romana ou se havia um pacifismo teologicamente motivado por trás disso é difícil dizer, mas não podemos desconsiderar tamanha aproximação entre os autores.

⁵ Um episódio presente no Talmud é bem representativo, e se encontra em *yTaanit* 4.68d.



É fácil perceber, através de 2Br e de Josefo, uma idéia recorrente acerca do sentido da história na sociedade judaica do século II. Muito provavelmente, essa visão de história originou-se do Dt, onde podemos analisar uma visão de história calcada no padrão “pecado-punição-redenção-reaproximação”⁶. Isso significa, mais uma vez, que os acontecimentos históricos desfavoráveis são devidos às más ações dos homens, num padrão pré-determinado e sempre recorrente. No entanto, seja esse o caso ou não, é importante notar como essa visão da história se fez presente na sociedade judaica pós-70, e o importante papel que ela desempenhou tanto na formação do judaísmo como nós o conhecemos quanto na vida daqueles que viveram na época.

⁶ Para maior aprofundamento no assunto consultar Tessa Rajak. *Josephus*. London: Duckworth, 1983.